



EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NO PRÉ-ESCOLAR: CONHECIMENTOS, ATITUDES, CRENÇAS E NÍVEL DE CONFORTO DE EDUCADORAS/ES DE INFÂNCIA

Vânia Beliz & Zélia Anastácio

**CIEC, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO MINHO**

BRAGA – 7 A 9 DE OUTUBRO 2020

ENQUADRAMENTO

EDUCAR PARA A SEXUALIDADE: DESDE QUANDO?

A maior parte dos estudos e das orientações internacionais apontam que a educação sexual formal deverá começar desde cedo, ainda na etapa pré-escolar, ou seja entre os 3 e os 6 anos de idade (BRILLESLIJPER-KATER & BAARTMAN, 2000, OMS, 2010; UNESCO, 2018).

Tocar nos próprios genitais, estimular-se, ter curiosidade pelo seu corpo e pelo do dos seus pares e adultos, tocar os seios da mãe, brincar aos médicos, aos pais e às mães, imitar comportamentos adultos, colocar questões sobre sexualidade, mostrar curiosidade pela nudez, pela sua origem e pelo nascimento são exemplos dos comportamentos mais referenciados (BRILLESLIJPER-KATER; BAARTMAN, 2000; CACCIATORE; KORTENIEMI-POIKELA; KALTIALA, 2019b; RAPOŠOVÁ, 2016; VOLBERT, 2000; BALTER; VAN RHIJN; DAVIES, 2016).

ENQUADRAMENTO

EDUCAR PARA A SEXUALIDADE: QUEM E PORQUÊ?

A maior parte das famílias considera que a educação sexual deverá ser feita no seio da família, sob receio de que acontecendo na escola possa potenciar comportamentos sexuais precoces e violar os valores das famílias (GOLDMAN, 2008).

- a maturidade precoce dos jovens;
- a ausência de informação por parte dos pais;
- a mercantilização do sexo nas sociedades modernas;
- o direito à educação sexual.

Sabendo da importância e pertinência da educação sexual para o desenvolvimento infantil, é importante que se (des)construa a ideia de a quem pertence a responsabilidade de educar as crianças nas temáticas da sexualidade.

A educação sexual formal, na escola, parece ganhar, desta forma, um papel importante numa educação livre de estereótipos e de códigos morais.



ENQUADRAMENTO

EDUCAR PARA A SEXUALIDADE: A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DOS/AS EDUCADORES/AS DE INFÂNCIA

As/os educadoras/es têm uma função importante porque desempenham um papel essencial relativamente à educação sexual, pelas trocas afetivas que estabelecem com as crianças, pela sua proximidade no quotidiano e por serem modelos de comportamento para as crianças

(MARQUES, VILAR & FORRETA 2002)



Os professores não reconhecem a importância da inclusão da ES na educação pré-escolar.

Sentem desconforto e constrangimento em relação a alguns comportamentos da sexualidade infantil e desvalorizam-nos.

Reconhecem a falta de preparação e formação para intervirem nesta área

(ANASTÁCIO, 2007; UNLUER, 2018)

OBJETIVOS

- Avaliar o **conhecimento** das/os educadoras/es de infância sobre o desenvolvimento e a aprendizagem sexual das crianças;
- Avaliar as **atitudes** das/os educadoras/es de infância sobre a aprendizagem sexual das crianças;
- Avaliar as **crenças** das/os educadoras/es de infância sobre a aprendizagem das crianças;
- Avaliar o grau de **conforto** das/os educadoras/es de infância relativamente ao desenvolvimento sexual das crianças;

METODOLOGIA

Questionário de Educação Sexual para Educadoras/es de Infância (QESEI)

Resultou da tradução do original:

The Questionnaire on Young Children's Sexual Learning, da autoria de Koch e Brick (1996) publicado por Fisher, Davis, Yarber e Davis (2010) *Handbook of Sexuality – Related Measures*.

Recolha de dados online de abril a maio – divulgação em grupos de educação de infância a através da Associação de Profissionais de Educação de Infância.(APEI).

Questionário de Educação Sexual para Educadoras/es de Infância (QESEI)

1

Avaliar o conhecimento de educadoras/es de infância sobre o desenvolvimento e a aprendizagem sexual das crianças. Composta por 21 afirmações escala de *likert* de 5 pontos, em que 1 corresponde a “definitivamente verdadeira”; 2 a “possivelmente verdadeira”; 3 a “possivelmente falsa”; 4 a “definitivamente falsa” e 5 a “não sei”.

2

Avaliar as atitudes e crenças de educadoras/es de infância acerca da aprendizagem sexual de crianças. Constituída por 28 afirmações, escala de *likert* de 5 pontos em que 1 corresponde a “concordo fortemente”; 2 a “concordo”; 3 a “não sei”; 4 a “discordo” e 5 a “discordo fortemente”.

3

Avaliar o grau de conforto de educadoras/es de infância. Constituída por 10 tópicos relativos ao desenvolvimento sexual das crianças escala de *likert* de 4 pontos em que 1 corresponde a “muito confortável”; 2 a “algo confortável”; 3 a “algo desconfortável” e 4 a “muito desconfortável”

RESULTADOS A AMOSTRA

- 414 educadores/as de infância,
- 98% do sexo feminino,
- Com uma média de idade de 45 anos,
- Casadas 56,8% e com filhos 71,5%,

- Área de residência:
 - Lisboa (20%), Porto (12,6%)
e Setúbal (12,3%).

Habilitações:

- 8% das/os participantes tem mestrado ,
32, 9% é licenciada/o e 25,6% tem o
complemento,
- Média de 20 anos de serviço



16,2% da amostra refere ter participado em ações de formação com mais de 25 horas,

29% das/os profissionais refere ter participando em ações de formação, mas curta duração.



RESULTADOS

CONHECIMENTO, DAS/OS EDUCADORAS/ES DE INFÂNCIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM SEXUAL DAS CRIANÇAS

O valor médio das respostas a esta escala foi de **10,23** para um valor máximo de **21**, indicador de maior conhecimento.

Destaca-se o desconhecimento das manifestações fisiológicas (lubrificação vaginal, ereção do clítoris e do pénis das crianças) 46,8% dos participantes a considerar “definitivamente falsa” a afirmação:

“As crianças têm respostas sexuais tais como ereções clitoriana/peniana e orgasmos.” e **37,4%** a referir “*não sei*” em relação à resposta fisiológica da genitália das meninas e capacidade de lubrificação da vagina “*A vagina das meninas não tem capacidade de lubrificação*”.

53,4 % dos/as educadores da amostra reconhecem como “saudáveis e naturais” as brincadeiras “sexuais” entre as crianças e colegas da mesma idade.

Acerca da masturbação das crianças, 38,2% considera “definitivamente falsa” a afirmação de que: “As crianças não estimulam os seus genitais até aos 3 anos de idade”.

Em relação à masturbação apenas 39,6% respondem “definitivamente verdadeira” à afirmação “As crianças podem ser ensinadas que é certo masturbarem-se em privado, mas não em público” e 11% dos/das profissionais refere, “não saber”.

66,2% dos/as educadores/as consideram que (...) *a aprendizagem sexual das crianças pode afetar a forma como virão a lidar com a sexualidade enquanto adultas.*

47,8% consideram que as respostas dos adultos, ao comportamento sexual de uma criança, influenciam a opinião da criança sobre o sexo.

Valorização da aprendizagem da sexualidade

RESULTADOS

ATITUDES E CRENÇAS DAS/OS EDUCADORAS/ES DE INFÂNCIA SOBRE O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM SEXUAL DAS CRIANÇAS

Resultado de 110 para um máximo de 140 (atitudes mais positivas)

“As crianças da educação pré-escolar podem ser protegidas de mensagens sexuais na nossa sociedade.”

40,3% “concorda”,

20,3% “concorda fortemente”,

25% “discorda”; e

11,8% responde “não sei”.

15,7% respondem “não saber” se a Biologia é a principal influência sobre os comportamentos e as atitudes sexuais de uma pessoa,

18,8% ainda demonstram dúvidas em relação à abordagem da temática da sexualidade com as crianças da educação pré-escolar,

30,4% respondem “não sei” quando questionados sobre as sensações provocadas pelos órgãos genitais,

14,7% e 10,6% respondem “não sei” e “discordo” em relação à permissão das crianças tocarem os seus genitais,

13,5% concordam que as crianças recebem mensagens positivas sobre sexualidade quando os adultos usam nomes giros para os órgãos genitais,

13,5% “concorda” que a maioria das crianças da educação pré-escolar é muito nova para ser capaz de utilizar os nomes corretos para os seus órgãos genitais.

11,1% responderam “concorda” e **12,3%** responderam “não sei” à afirmação: “Os programas de educação pré-escolar deveriam abordar apenas informação sexual; a abordagem de atitudes e valores sexuais deve ser deixada para os pais”.

17,4% e **11,1%** dos profissionais responderam “não sei” e “discordo” em relação à afirmação “As crianças devem ser incentivadas a fazer perguntas sobre sexualidade aos(às) seus(suas) educadores(as)”

19,6% e **22,7%** discordam e respondem não saber da influência dos estereótipos nos comportamentos responsáveis **16,7%** discordam da frase “É melhor utilizar linguagem não sexista com crianças”, **15%** “não sabe.”

RESULTADOS

CONFORTO DAS/OS EDUCADORAS/ES DE INFÂNCIA SOBRE A APRENDIZAGEM SEXUAL DAS CRIANÇAS

A média de respostas foi **17,7** (em que 40 indica menor nível de conforto)

A estimulação das crianças, à masturbação, é o **tópico avaliado como mais desconfortável**, **30%** dos /das educadores/as, referem que este tema lhes é “algo desconfortável”.

Questionados sobre a curiosidade das crianças, sobre a concepção dos bebés, existe diferenças no momento de explicar: **11,1%** referem algum desconforto a explicar como entram e apenas **5,1%** referem o mesmo para explicar como saem...

DISCUSSÃO

- Não existem quase diferenças entre os resultados da escala original e os da nossa amostra, o que pode revelar que o conhecimento, crenças e conforto em relação aos temas da sexualidade infantil, da parte dos educadores de infância portugueses se assemelha ao dos educadores de outros países.
- Existe desconforto e desconhecimento em relação às manifestações fisiológicas dos genitais das crianças, o que vários autores referem como sendo um comportamento reflexivo e fisiológico (Martinson, 1976; Langfeld, 1981, *cit in* Sahin, 2014; Masters, Johnson, Kolodny, 1995). O mesmo se registou em relação à masturbação.
- A maior parte dos participantes (57,2%) assume que as crianças são curiosas em relação às diferenças corporais e 72,9% discordam que ignorar os comportamentos seja o mais adequado. Este resultado contraria alguns estudos que reportam essa realidade (ÜNLÜER, 2018).

- Os participantes apresentaram atitudes e crenças positivas sobre a aprendizagem sexual de crianças. No entanto, será preciso refletir sobre a afirmação de que é possível proteger as crianças de mensagens sexuais na nossa sociedade. Este dado, avaliado como positivo na escala original, pode ser revelador de uma confiança que pode colocar em causa a prevenção.
- A maior parte dos projetos de prevenção da violência sexual referem também os riscos presentes na comunidade (BRILLES LIJPER-KATER; BAARTMAN, 2000; VOLBERT, 2000) e a vulnerabilidade das crianças.
- Persiste a ideia de que os programas de educação sexual deveriam abordar apenas a informação de cariz sexual, ficando as atitudes e valores para as famílias.
- Em relação às questões de género e estereótipos parece existir uma desvalorização da sua influência, assim como do uso de estratégias para os combater (linguagem não sexista).

CONCLUSÕES

- Os dados recolhidos revelam que não existem muitas mudanças em relação à escala original. Parece ficar evidente a necessidade da educação sexual integrar os currículos da formação profissional dos/as educadores de infância de forma a dar-lhes ferramentas para a abordagem dos temas com as crianças.
- A presunção de inocência e as crenças de que explorar os temas da sexualidade podem precipitar comportamentos precoces continuam a ser crenças a ultrapassar.
- Parece evidente que a abordagem continua a refugiar-se nas questões biológicas pelo receio da opinião das famílias em relação aos temas que se relacionam com valores e moral.
- Será importante sensibilizar os profissionais da educação de infância para a ideia de que a educação sexual das crianças é um direito salvaguardado pelas orientações internacionais na área da educação para a saúde e bem-estar das crianças.

REFERÊNCIAS

- ANASTÁCIO, Z. (*Educação Sexual no 1.º CEB: Concepções, Obstáculos e Argumentos dos Professores para a sua (não) Consecução*). Tese de Doutoramento, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. 2007.
- BRILLESIJPER-Kate BAARTMAN E.M. *What do Young Children Know About Sex? Research on the Knowledge of Children Between the Ages of 2 and 6 Years*. *Child Abuse Review* Vol. 9: 166–182, 2000.
- CACCIATORE, R.; KORTENIEMI-POIKELA, E.; KALTIALA, R. The Steps of Sexuality—A Developmental, Emotion-Focused, Child-Centered Model of Sexual Development and Sexuality Education from Birth to Adulthood. *International Journal of Sexual Health*, v. 31, n. 3, p. 319–338, 3 jul. 2019b.
- FISHER, T. D., DAVIS, C. M., YARBER, W. L., & DAVIS, S. L. *Handbook of Sexuality- Related Measures (3rd edition)*. New York: Routledge. 2010
 - GOLDMAN, J. Responding to parental objections to school sexuality education: a selection of 12 objections. *Sex Education* Vol. 8, No. 4, p.415–438, 2008.
 - MARQUES, A. M., VILAR, D., FORRETA, *Os Afectos e a Sexualidade na Educação Pré-Escolar-Um guia para educadoras/es e formadores*. Lisboa: Texto Editora. 2002.
- OKTAVIANINGSIH, E. AYRIZA, Y. *Teachers`s Knowledge and Belief for Education Sexuality to Kindergarten Students*. *International Journal of Pedagogy and Teacher Education (IJPTE)*. Vol.2 Issue 3. 2018.
 - RAPOSOVÁ, P. *Manifestation of Sexuality of Children in the Enviroment of a Kindergarten*. *Kultura – Edukacja* nr 2(10), Poznan, pp. 59-68 Adam Mickiewicz University Press. ISSN 2300-0422. DOI 10.14746/2016.10.5. 2016
- UNLUER, E. *Examination of Preschool Teacheres`Views on Sexuality Education*. *Universal Journal of Education Research* 6(12): 2815-2821, DOI: 10.13189/ujer.2018-061215. 2018
 - VOLBERT R. *Sexual knowledge of preschool children*. [In:] *Childhood Sexuality, Normal Sexual Behavior and Development*. New York. 2000



OBRIGADA
VÂNIA BELIZ E ZÉLIA ANASTÁCIO

Vânia Beliz: Doutoranda em Estudos da Criança, CIEC-
Instituto de Educação da Universidade do Minho
belizsexologia@gmail.com

Zélia Anastácio: CIEC – Instituto de Educação da
Universidade do Minho, zeliaf@ie.uminho.pt